

Arquitectura Vernácula no Algarve

Diferentes sub-regiões, diferentes tipos de edifícios

Sendo a construção e respectivos sistemas construtivos “influenciados” pelo meio envolvente¹, também a Arquitectura surge como o resultado da interacção do Homem com a Natureza anunciando-se como imagem cultural de um povo.

“Poema de Geometria e de silêncio, ângulos agudos e lisos entre duas linhas vive o branco”

Sophia de Mello Breyner Andresen

No Algarve, constatamos que os vários tipos de habitação se relacionam com as diversas sub-regiões existentes, criadas pelas condicionantes geográficas que podemos encontrar neste vasto território. Assim, o edificado difere em função do clima, solo, cultura agrícola e arvensa e actividade piscatória – factores que o definem e condicionam.

Existem, no entanto, traços comuns que tornam possível estabelecer uma tipologia mais abrangente: a habitação algarvia desenvolve-se horizontalmente sendo composta por apenas um piso; possui uma grande simplicidade de formas e superfícies, optando quase sempre pela caiação como acabamento interior e exterior; os vãos correspondem ao número de divisões interiores, podendo por vezes encontrar-se habitações com apenas um vão de acesso; finalmente, como pavimento utiliza-se o ladrilho, o sobrado, ou o próprio terreno.

Além do abrigo, a habitação é também o reflexo da actividade de que a família se ocupa. O Baixo Algarve é caracterizado por um povoamento disperso, em que as habitações são influenciadas pela importância e número atribuído

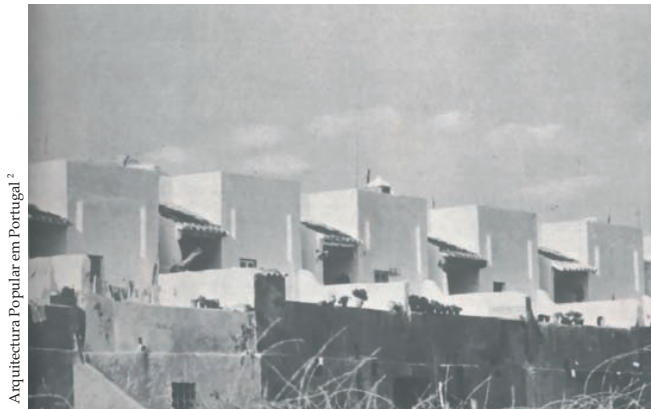
aos seus prolongamentos (estábulo, galinheiros, pocilgas, forno). Ou seja, os anexos existentes dependem do tipo de propriedade (quinta, monte, horta) e das condições por esta fornecidas, reflectindo o nível económico dos seus proprietários.

Podemos definir, na zona do Baixo Algarve, três tipos de tipologias dominantes:

- A composta por uma ou duas águas, com ou sem chaminé; com alvenaria de pedra, tijolo ou taipa, como sistemas de construção mais utilizados; pavimentos em terra batida ou em tijoleira e composta por vários anexos;
- As habitações em fila e em profundidade na zona de Olhão e Fuzeta, possuindo açoteias utilizáveis construídas sobre abóbadas de tijoleira que cobrem o piso térreo e sobre dor-



É visível o contraste do edificado entre duas paisagens tão distintas, como Burgau (zona piscatória) e Morgado de Arge



Exemplo das habitações em fila na Fuzeta – Olhão e das suas açoteias utilizáveis. Este tipo peculiar de edificado tem a sua origem nas relações mantidas pelos habitantes desta zona com o Norte de África

mentes no piso 1; os pavimentos são em tijoleira e o acesso à açoteia faz-se pelo pátio posterior;

- Os designados “montes alentejanos”, constituídos por dois ou mais corpos de edifício englobando a habitação, estábulos cobertos e forno; a construção é maioritariamente em taipa e o pavimento em tijoleira e sobrado.

No centro do Algarve predomina a habitação de cobertura mista, que possui açoteia utilizável e telhado, alvenaria de calcário, tijolo ou taipa, pavimento em tijoleira e os vãos guardados com cantaria. Junto ao vale do Guadiana e na serra do Caldeirão constata-se a existência de habitações em alvenaria de xisto, cobertura de uma só água orientada no sentido dos ventos e chuvas, sem chaminé, sendo a exaustão de fumos feita através das telhas no Inverno e utilizando uma fornalha exterior no Verão, adossada à fachada ou desligada da habitação como os fornos e pavimentos em terra batida. Nas encostas da serra do Caldeirão é frequente o registo de várias construções localizadas a diferentes níveis, que pertencem à mesma habitação, cuidadosa e engenhosamente dispostas, criando espaços mágicos e surpreendentes.

O Alto Algarve é composto pelas habitações que se agrupam com irregularidade, consoante os declives do terreno, e possuem uma única divisão, chaminé destacada, alvenaria de taipa

e pavimentos em terra batida, sendo consolidadas exteriormente por possantes contrafortes. Esta sub-região é



Duas habitações situadas em Alcoutim, serra do Caldeirão, onde podemos observar a ocupação de diferentes níveis do solo e a existência de fornalha exterior adossada à fachada

ainda marcada pelas habitações das encostas da serra de Grândola, onde existe fraca densidade populacional e, ao contrário da tipologia anterior, os espaços são mais amplos desfrutando de uma cozinha tipicamente algarvia de grande chaminé com forno adossa-

do e eira, telhado de duas águas e pavimento em tijoleira.

Por último, o Algarve Litoral arenoso onde ainda hoje se podem avistar algumas habitações de pescadores, com estrutura em madeira coberta de colmo, de uma ou duas divisões e pavimentos em terra, sobretudo em zonas como as praias de Faro e Monte Gordo.

Este artigo não pretende englobar – e em tão poucas palavras – todos os aspectos, características e ensinamentos que a arquitectura desta região nos pode oferecer, até porque o limite entre cada sub-região e o seu edificado nem sempre é, nem deverá ser, tão objectivamente separado. Ele encontra-se em muitos dos casos diluído, oferecendo momentos únicos de reflexão entre várias tipologias e o entrecruzar de influências, viveres e saberes. Pretendeu-se apenas despertar e convidar o leitor para ver e sentir toda esta variedade arquitectónica e construtiva que nos reporta a espaços que julgamos existirem apenas no nosso imaginário.

Notas:

¹ Cravinho, Ana – “Construção tradicional algarvia”, Revista “Pedra & Cal”, n.º 24, Out. - Dez. 2004, p. 12, Lisboa, GECO RPA;

Bibliografia:

² AA.VV., “Arquitectura Popular em Portugal”, Vol. III – zona 6 (Algarve), Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª edição, Lisboa, 1988

ANA CRAVINHO,
Arquitecta, STAP, S. A.